

MEDIAÇÃO E DIFUSÃO EM ARQUIVOS: inter-relações teóricas

THE MEDIATION AND DIFFUSION IN ARCHIVES: some theoretical interrelationships

 João Arlindo dos Santos Neto¹

 Sueli Bortolin²

¹ Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E-mail: santosneto@uel.br

² Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E-mail: suelibortolin@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 22/01/2020.

Aceito em: 18/03/2020.

Revisado em: 19/04/2020.

Como citar este artigo:

SANTOS NETO, João Arlindo dos; BORTOLIN, Sueli. Mediação e difusão em arquivos: inter-relações teóricas. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 144-161, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v5i1.2020.43289.144-161>.

RESUMO

Os arquivos são instituições com diferentes funções para a sociedade e, portanto, precisam ser reconhecidos a partir de diversos processos e práticas arquivísticas. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo geral discutir sobre algumas possibilidades de mediação e difusão em arquivos a partir da inter-relação entre esses conceitos e elucidar as possíveis aproximações entre eles. Como objetivos específicos discorre sobre a mediação e a difusão no âmbito dos arquivos e destaca a necessidade de ampliar a visibilidade tanto dos arquivistas quanto da própria ambiência dos arquivos. Como procedimento metodológico realiza uma pesquisa básica, de caráter exploratório-descritivo, com delineamento bibliográfico. Como resultados considera que, historicamente, na literatura da Arquivologia o conceito de difusão em arquivos é mais utilizado quando comparado ao de mediação da informação. Conclui, a partir da revisão bibliográfica, que existe uma proximidade entre os conceitos de mediação cultural e difusão cultural, mediação pedagógica e difusão educativa, e suas práticas, mas que apresentam demarcações teóricas e conceituais próprias que os distinguem.

Palavras-chave: Mediação em arquivos. Difusão em arquivos. Mediação e difusão cultural. Mediação pedagógica. Difusão educativa.

ABSTRACT

Archives are institutions with different functions for society and, therefore, need to be recognized from different archival processes and practices. Therefore, this article aims to discuss some possibilities of mediation and diffusion in archives from the interrelationship between these concepts and to elucidate the possible approximations between them. As specific objectives, it discusses mediation and dissemination within the archives and highlights the need to increase the visibility of both archivists and the archives' ambience. As a methodological procedure, it carries out a basic research, of an exploratory-descriptive character,

with bibliographic design. As a result, he considers that, historically, in the Archivology literature the concept of diffusion in archives is more used when compared to that of information mediation. It concludes, from the bibliographic review, that there is a proximity between the concepts of cultural mediation and cultural diffusion, pedagogical mediation and educational diffusion, and their practices, but that present their own theoretical and conceptual demarcations that distinguish them.

Keywords: Mediation in archives. Diffusion in archives. Cultural mediation and dissemination. Pedagogical mediation. Educational diffusion.

1 INTRODUÇÃO

Os arquivos são instituições com diversas funções para a sociedade: preservam a memória (em suas múltiplas significações), custodiam os documentos históricos e que possuem valor probatório, gerenciam e medeiam o acervo documental, entre outras. Portanto, precisam ser reconhecidos amplamente, pois nele ocorrem diferentes processos e práticas arquivísticas. Seja para o cidadão, pesquisador ou administrador, as funções que lhe são cabidas são as mais diversas e, neste artigo, reflete-se a respeito de algumas delas. Apesar dos autores desse artigo não serem oriundos da Arquivologia, espera-se instigar nos diferentes profissionais da informação o interesse em práticas de cunho mais social do que técnico.

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo geral discutir sobre algumas possibilidades de mediação e difusão em arquivos a partir da inter-relação entre esses conceitos e elucidar as possíveis aproximações entre eles. Como objetivos específicos discorre sobre a mediação e a difusão no âmbito dos arquivos e destaca a necessidade de ampliar a visibilidade tanto dos arquivistas quanto da própria ambiência dos arquivos.

Diferentemente da Biblioteconomia, o campo da Arquivologia tardou em promover discussões que consideram o usuário como objetivo principal das unidades de informação. Conseqüentemente ou não, a temática mediação também é recente no referido campo quando comparado ao primeiro ou à Ciência da Informação (CI).

No entanto, parte-se do pressuposto de que os arquivos e os profissionais que nele atuam – ainda em sua maioria não formados em Arquivologia – desenvolvem algumas ações que visam promover e dar visibilidade à ambiência dos arquivos e que se relacionam com os aspectos teóricos e práticos da mediação, sobretudo, da mediação pedagógica e cultural, conforme discutido no decorrer deste artigo. Mesmo com o esforço dos profissionais que atuam nos arquivos, acredita-se que tais espaços e seus fazeres carecem de mais reconhecimento e valorização (neste caso, inclui-se, além dos arquivos, também as bibliotecas e os museus). Vislumbra-se, possivelmente, que a mediação e a difusão em arquivos podem constituir-se como elementos estratégicos e norteadores para potencializar a visibilidade dos arquivos e a imagem dos arquivistas. No entanto, tais aspectos não são o foco da presente discussão.

O presente artigo é de natureza básica, pois não resulta em produto, tecnologia ou processo e com tipologia exploratória (GIL, 2008; VOLPATO, 2004), uma vez que se buscou ampliar o conhecimento quanto às possibilidades de mediação e difusão em arquivos. Como método, empregou-se o delineamento bibliográfico sobre a temática em questão com o intuito de discutir possibilidades e proximidades entre os conceitos.

Justifica-se a realização do presente artigo, visto que poderá contribuir com o desenvolvimento de novos conhecimentos entre pesquisadores, docentes, discentes e profissionais do campo da Arquivologia que incluam em suas pautas de pesquisa a mediação, visto que ela está intrínseca nas ações arquivísticas e, portanto, é fundamental para que os profissionais reconheçam não apenas a sua interferência, mas o potencial de maior visibilidade para os arquivos. Para Lousada (2016, p. 131) “[...] os fundamentos teóricos da Mediação da Informação relacionam-se com o fato de que hoje o arquivista deve ser um mediador ativo na formação e na construção da memória institucional e coletiva através dos arquivos”. Além disso, constatou-se na literatura da área que distintos autores reconhecem a necessidade em se discutir tais temáticas na Arquivologia, conforme será apontado na seção que sucede esta introdução.

2 MEDIAÇÃO E DIFUSÃO EM ARQUIVOS: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Os estudos teóricos sobre as mediações têm aumentado exponencialmente nos últimos anos. Tal aumento se deve a diferentes fatores que extrapolam modismos ou tendências como alguns podem interpretar. A inserção da mediação da informação, por exemplo, na CI, como fenômeno emergente e, também, proposta de objeto da área, fazem com que múltiplos discursos e diálogos sejam propagados em torno dela.

Além disso, constata-se que junto, das pesquisas práticas em torno da mediação, começam a ganhar espaço também as discussões teóricas e epistemológicas sobre ela (FARIAS; FARIAS, 2017; SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2018). É necessário reconhecer os esforços realizados pelos pesquisadores – sobretudo brasileiros – que buscam fortalecer e demarcar teoricamente a pesquisa em torno da mediação na CI.

No ensino da Arquivologia, aos poucos a mediação tem sido incluída nas discussões tanto no âmbito da graduação quanto na pós-graduação. Na graduação, por exemplo, escolas de Arquivologia ofertam a disciplina de mediação e, na pós-graduação, por sua vez, programas ofertam e/ou já ofertaram disciplinas sobre mediação (SANTOS NETO; 2019; SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2016, 2018).

No âmbito da pesquisa, em especial, da produção científica brasileira, num levantamento realizado por Santos Neto e Bortolin (2019), foram localizados somente 11 textos, sendo seis trabalhos do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) e cinco artigos de periódicos publicados sobre mediação e Arquivologia. Resumidamente é possível afirmar que as argumentações dessas produções evidenciaram a possibilidade de interferência do arquivista em momentos distintos no seu cotidiano profissional, especialmente, quanto à mediação realizada na presença do usuário. Além disso, os discursos depreendidos avivaram a imprescindibilidade da mediação, sobretudo da informação, nos arquivos. Quanto aos mediadores, espera-se que eles busquem tanto conhecimento técnico, quanto dinamismo, criatividade, atualização e perseverança.

Além disso, inserir as discussões sobre mediação vinculadas aos arquivos, amplia o escopo de sua função social e considera o usuário como figura elementar dos fazeres arquivísticos. Ao abordar especificamente a mediação da informação, destaca-se Almeida Júnior (2015, p. 25), que diz:

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Desse modo, um aspecto fundamental, seja na biblioteca, seja no arquivo, é saber quem são os sujeitos atendidos pela unidade de informação. Novelli, Hoffmann e Gracioso (2011, p. 7, grifo nosso) consideram que:

[...] **um componente essencial para facilitar a mediação da informação é conhecer os usuários**, os seus estilos de aprendizagem, suas atitudes e que as suas abordagens devem diferir de acordo com suas principais características.

Conhecer as necessidades e interesses dos usuários, seja no arquivo ou na biblioteca, é condição fundamental para mediar a informação, a história, a memória e a cultura.

Os estudos sobre mediação se fazem cada vez mais necessários para aprimorar as mediações arquivísticas no âmbito do arquivo, especialmente no que se refere à mediação implícita e explícita (LOUSADA, 2016; SILVA; SILVA, 2012). A mediação implícita refere-se às ações realizadas pelo arquivista sem a presença do usuário, como: Diagnóstico; Produção documental; Avaliação; Tramitação dos documentos; Transferência; Conservação e restauração dos documentos, entre outras. A mediação explícita, por sua vez, contempla aquelas ações deflagradas na presença (física ou remota) do usuário: Atendimento ao pesquisador, historiador, cidadão etc.; Entrevista de referência; Exposições e Palestras etc.

Ao se referir à mediação, Finazzi-Agrò (2003, p. 63-34) defende que são dois comportamentos que se espera do “bom intermediário”: respeito e pudor. Quanto ao respeito, “[...] qualquer mediador deve ter essa capacidade de olhar atrás e, ao mesmo tempo, de re-ver (é este, como se sabe, o significado do verbo latino *respicere*) as culturas que ele põe em contato ou em diálogo”. Em relação ao pudor, “[...] o objetivo de um paciente trabalho de mediação é também o de saber medir as distâncias e, sobretudo, o de manter, de saber guardar a mesura [...]”, além do “[...] conhecimento e o respeito daquilo que pode ser dito ou feito em certas circunstâncias [...]” (FINAZZI-AGRÒ, 2003, p. 63-34).

Apesar de se avaliar o acréscimo do adjetivo “bom” na palavra intermediário – uma decisão complexa diante da subjetividade da qualificação – apropriou-se do discurso deste autor para que se pudesse apresentar, apesar de parecer inusitado, o argumento de que o arquivo pode ser considerado também um espaço para a textoterapia¹ ou para um ato textoterápico².

Outro argumento é que a leitura de documentos históricos (cartas, jornais, entre outros) pode resgatar a memória de um determinado grupo étnico, profissional ou de comunidades. Além disso, tende a contribuir com os usuários na criação do sentimento de pertença ao arquivo. Quanto ao pertencimento na ambiência de unidades de informação, Gomes e Bortolin (2017, p. 194) enfatizam que “Fazer com que um espaço de informação ganhe efetivamente valor na existência do humano, requer profissionais comprometidos em tornar todos os tipos de documentos disponíveis de forma facilitada, sem barreiras e censura [...]”. Em complemento ao exposto, Duff (2016, p. 171), enfatiza que “[...] a promessa de acesso universal ao material arquivístico não se concretizará a não ser que haja arquivistas disponíveis para ajudar na mediação entre os usuários e o que eles buscam”. Assim sendo, vislumbra-se que tanto na mediação quanto na difusão em arquivos há possibilidades para que o arquivista não somente promova o espaço físico, como também desperte nos usuários (pesquisadores, historiadores etc.) o interesse pelo arquivo. De acordo com Balbino e Chagas (2018, p. 236):

As facetas mais variadas do arquivista, nas instituições em que atuam, os tornam um profissional imprescindível, sendo o concatenador entre os atores e os documentos arquivísticos, o elo entre os que buscam informação registrada e o seu contexto de produção, o facilitador na apreensão de conhecimento baseado em experiências concretas das atividades realizadas em cada organização. O arquivista organiza, reúne, trata, preserva e cria instrumentos para acesso a informação, em qualquer suporte em que ela esteja registrada.

Ainda que o conceito de mediação não tenha sido, até os últimos cinco anos, adotado nos textos direcionados para a Arquivologia, o conceito de difusão em arquivos, por sua vez, aparece com maior recorrência. Pode-se aproximar a ideia de difusão à de disseminação, conforme Rockembach (2015, p. 100) quando adverte que: “O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005) não traz o termo ‘difusão’, mas se

¹ Palavra adaptada da expressão biblioterapia que é a terapia por meio de livros. Aqui a intenção é dar à palavra uma maior abrangência conceitual.

² Em outras palavras, o texto do prontuário médico pode ter a capacidade de esclarecer um paciente e reverter o diagnóstico que durante certo tempo criou nele determinado a crença limitante de sua patologia. (Experiência narrada por psicóloga clínica de Londrina).

aproxima quando conceitua Disseminação da Informação [...]”. Acredita-se que a palavra disseminação demonstra uma postura passiva (o profissional faz para), enquanto a mediação é mais ativa (o profissional faz com). Uma expressão utilizada por diferentes profissionais ao se referir aos seus espaços de trabalho, é a palavra promoção; nesse caso “promoção dos arquivos”, no entanto, é necessário utilizá-la em sua origem latina, isto é, *promotione*, com significado de antecipação e não com raízes no inglês *promotion*, com o significado de propaganda. Pode-se esclarecer essa maneira de pensar, da seguinte forma: fazer propaganda coloca o arquivo em evidência, isso é positivo; mas para construir o significado social do arquivo é necessário um trabalho constante de antecipação de necessidades. E isto requer interferência do profissional atuante em arquivo, seja ele arquivista ou não.

Existem muitas formas de promover a difusão dos arquivos, tais como: projetos culturais, folders, cartazes, livros, vídeos, visitas orientadas, sites, redes sociais, bem como, veículos de comunicação de massa como o rádio, a televisão e as revistas. Para Bellotto (2006, p. 227), a difusão em arquivos, é a atividade que “[...] melhor pode desenhar os seus contornos sociais, dando-lhe projeções na comunidade, trazendo-lhe a necessária dimensão popular e cultural que reforça e mantém o seu objetivo [...]”.

No entanto, acredita-se que pensar a função social do arquivo exige tanto mediações (da informação, da cultura, pedagógica) quanto difusões (cultural, educativa, pedagógica), quando o arquivista e sua equipe poderão estabelecer objetivos e metodologias visando a apropriação de diferentes conteúdos. Retomando Bellotto (2006), destaca-se que a autora arrola serviços educativos realizados na França. Eles são sumarizados a seguir: aulas de história no arquivo, Concurso Jovem Historiador, divulgação de reproduções de documentos e publicações, campanhas, coletas de documentos na comunidade etc. Acredita-se que iniciativas como essas são facilmente executáveis e com baixo custo financeiro. Além disso, há um aspecto que é a mediação pedagógica, quando os arquivistas ensinam e aprendem com a comunidade e vice-versa. Os cidadãos poderiam assim, reconhecer a presença/importância do arquivo em suas vidas.

Ao se referir a outros países, Bellotto (2006, p. 244) afirma também que, em “[...] Barcelona, na Espanha, duas vezes por semana os arquivistas dão aulas de história catalã, também pela televisão”, e acrescenta que comentar e divulgar diferentes documentos de arquivos no rádio e na televisão em países como a Rússia, Estados Unidos, Alemanha e Espanha são ações exitosas. Evidencia que as agências de turismo na Alemanha são

assessoradas por arquivistas no momento da comprovação de dados históricos e correção de peças publicitárias. Quanto às publicações educativas de arquivos, Bellotto (2006) destaca os Estados Unidos, a Polônia e a Rússia.

Outra ação que pode ser considerada valorosa são as visitas guiadas, sob a condução do professor ou do arquivista. “A experiência mostra que, em se tratando de alunos do ensino fundamental, o mestre [professor] funciona melhor, e no caso de alunos de cursos técnicos ou pré-universitários, talvez seja preferível a atuação do arquivista”. (BELLOTTO, 2006, p. 238). A autora informa que há relatos dessa ação em Viena, Frankfurt, Stuttgart e em países como Inglaterra, Dinamarca, Bélgica, França e Itália.

Diante desses relatos, “[...] somos levados a refletir sobre a premência de se fazer algo nesse sentido no Brasil. [...] fazer algo, sistematicamente, em torno do documento, e não usá-lo apenas como fonte primária circunstancial” (BELLOTTO, 2006, p. 244).

Dentre as possibilidades de difusão em arquivos, destacam-se na literatura da área também a Editorial, Educativa e Cultural, a seguir discutidas.

A **Difusão Editorial** poderia ser efetivada a partir da divulgação e apresentação das publicações geradas pelo arquivo, que constituem canais de comunicação do arquivo, pois mostram o conteúdo do seu acervo documental, as atividades e os programas. Além disso, pode “[...] atrair novos usuários e fazê-los compreender o que é e o que representa” (BELLOTTO, 2006, p. 229). Ressalta-se que, além dos instrumentos de pesquisa, pode gerar: manuais, edições de texto, monografias de caráter histórico, catálogos seletivos, edições comemorativas. Segundo Santos (2012, p. 24) “A primeira forma de publicação a ser disponibilizada são os instrumentos de pesquisa. As publicações podem ser técnicas, informativas, boletins, vídeos, folders, malas-direta, [...]”.

De acordo com Almeida e Medeiros (2017, p. 93), “A difusão editorial diz respeito a publicação de instrumentos de pesquisa, publicações de trabalhos em revistas científicas, participações em eventos da área [...]”. Sendo assim, considera-se que, caso os instrumentos de pesquisa não sejam publicados, não será possível conhecer o conteúdo dos documentos do arquivo, sua tipologia, o órgão que os produziu, as relações entre eles etc. (BELLOTTO, 2006). Em complemento ao exposto, Almeida e Medeiros (2017) acreditam ser necessário que as publicações dos próprios arquivistas em periódicos e congressos científicos sejam difundidas também no arquivo.

Para os usuários do arquivo, tais publicações facilitam a compreensão de como tal coleção pode ou não os ajudar num determinado contexto. Por exemplo: ao historiador

ficaria evidente a matéria prima para sua profissão; ao administrador seria apresentado o arsenal de provas, testemunhos e informações para eventuais auditorias e/ou processos, por exemplo; e o cidadão teria acesso a dados que informam e definem a comunidade em que vive, bem como sua atuação nela.

A **Difusão Cultural**, por sua vez, apresenta traços que muito se aproximam da concepção de Mediação Cultural que já ocorre em bibliotecas, especialmente as públicas. Enquanto esta última objetiva aproximar o público de uma manifestação cultural desconhecida, visando que ele se aproprie dela (COELHO NETTO, 1998), a primeira projeta elementos internos do arquivo para fora, com o intuito de atrair os usuários potenciais. Bellotto (2006) ressalta que nesta prática de difusão, é fundamental que sejam prospectadas ações lúdicas que tornem o processo de visitação ao arquivo agrad avel, com boa recepção e acolhimento. Santos (2012, p. 24) indica como possibilidades de difusão cultural as seguintes pr aticas os “[...] projetos culturais no recinto do arquivo, como literatura, danç a, m usica, cinema, teatro, folclore e os diversos tipos de manifestações culturais e artísticas”.

Almeida e Medeiros (2017, p. 94) apontam como possibilidades de difusão cultural “[...] a apresentação de comentários sobre grupos documentais em horários estratégicos, exposições de documentos que tenham relação com momentos atuais, roteiros para turistas, etc.”

Gomes (2014), ao discorrer sobre as dimensões da mediação da informação, destacou a dimensão est tica tão presente nos processos e pr aticas informacionais, quando o sujeito reconhece a beleza em aprender e se apropriar da informação, por exemplo. Jesus (2018, p. 31) afirma que o acolhimento não   uma prática “usual” na Ciência da Informação, sendo mais comum na área de Educação, especificamente em escolas de Educação Infantil. No entanto, deveria ser frequente, pois “[...] os homens dependem uns dos outros para sobreviver e, neste processo, o *acolhimento* representa categoria essencial como condição de pertenc a e de participação”.

Tendo em vista que tanto arquivos quanto bibliotecas estão inseridos no Terceiro Setor, ramo de serviç os,   imprescindível que o atendimento seja acolhedor e torne a experiência do serviç o agrad avel e satisfatória. Obviamente, tratando-se dos arquivos, haverá casos em que serão limitadas as visitas, consultas etc., por uma questão legal, de sigilo. Para tornar os serviç os do arquivo valorizados,   necessário posicionar-se na sociedade, ou seja, “O primeiro passo   que o arquivo seja reconhecido, faça parte do

cotidiano da leitura dos jornais: um dia o cidadão aparece, por curiosidade ou por outro motivo qualquer” (BELLOTTO, 2006, p. 229). Além do tradicional veículo de comunicação de massa apontado pela referida autora, existem outros veículos até mais baratos que possibilitam um amplo alcance, como as redes e mídias sociais por exemplo.

A **Difusão Educativa** pode ser considerada o ato de achegamento dos “[...] alunos dos fatos da história nacional é mostrar-lhes, pelo documento, a repercussão em sua província, seu distrito, sua cidade” (ERMISSE, 1979 *apud* BELLOTTO, 2006, p. 233). Ao relacioná-la com a mediação, identifica-se que a difusão educativa se aproxima da concepção de mediação pedagógica ou educacional, visto que, num entendimento genérico, esta almeja o aprendizado e a internalização/apropriação do que se é mediado.

Esse tipo de difusão tem como enfoque dois objetivos principais: 1) reconhecer o valor dos arquivos como fonte educativa; 2) transformar o valor educativo dos arquivos em ações. Santos (2012, p. 24), em concordância com o exposto, enfatiza que esta difusão visa ao desenvolvimento de “[...] atividades que priorizam os alunos do ensino fundamental e médio, oportunizando a aproximação dos estudantes e também do professor com o arquivo. Os serviços educativos constituem-se de visitas, aula de história no arquivo, palestras, etc.”

Almeida e Medeiros (2017, p. 94) discorrem que este tipo de difusão “[...] trata da participação do arquivo nas atividades escolares de crianças e adolescentes em atividades que podem estar relacionadas com a história local, personalidades ou com a história das instituições que se destacam na região”. Sendo assim, corrobora-se com a defesa de Bellotto (2006, p. 31), ao enfatizar que a “A atividade educativa é inerente aos arquivos públicos”. Infere-se que a atividade socioeducativa é uma função imprescindível dos arquivos, por exemplo: Arquivo Histórico Municipal de São José (Santa Catarina) possui dois grupos de documentos a respeito da população afro-brasileira, sendo eles:

Fundo Coletoria, Série Escravos - composto por uma série de cartas, documentos de contabilidade, controle de pagamentos de impostos, etc., contém informações sobre declarações de compra e venda, falecimento, liberdade concedida e subsídios relacionados às “lides burocráticas” dos proprietários de homens e mulheres escravizados.

Fundo Prefeitura Municipal, Série Gabinete do Prefeito, Subsérie Documentos Recibos - Ofícios - possui informações datadas de 1936, em que diversos ofícios, pedidos, entre outros, são encaminhados ao gabinete do prefeito e fazem referências específicas a demandas e ações das populações afro-brasileiras no município. Informações sobre terreiros, pedidos de ajuda para festas religiosas, etc., podem ser localizados nessa documentação. (PASSOS; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2016, p. 207).

Acredita-se que ações como essas tendem a acolher os munícipes de São José, despertar neles o sentimento de pertencimento social, histórico e simbólico. Com potencial de levar o coletivo a acreditar “[...] não só numa origem comum como também num destino comum, estabelecendo um sentido de homogeneidade para os membros de uma comunidade e de heterogeneidade em face dos diferentes grupos” (AMARAL, 2006, online). Além de, no caso de documentos que se referem à escravidão servirem de subsídio para que tal ato não seja esquecido e não volte a acontecer.

“É preciso que a atividade educativa arquivística passe a constituir um elemento costumeiro, constante da programação escolar nas áreas de história e estudos sociais” (BELLOTTO, 2006, p. 232). Nessa perspectiva, o professor e o arquivista podem criar vínculos e estabelecer parcerias que beneficiam tanto a escola, quanto ao arquivo; potencializando o raio de ação das instituições.

Mostrar a um aluno [...] que arquivos técnicos de organismos de saneamento básico de uma cidade podem ser úteis para a abertura de novas instalações, detectando, entre outros fatores, erros que não devem ser repetidos, é altamente didático e motivador. (BELLOTTO, 2006, p. 234).

Avalia-se que experiências como essa não apenas enriquecem o conhecimento do aluno, mas tendem a levá-lo a pensar e a se envolver em questões comunitárias ou, quem sabe, interferir na sua escolha profissional.

“Graças à história local, o aluno se apodera das referências culturais que lhe permitem conhecer melhor e amar sua cidade e sua região e, talvez, interessar-se mais por essa história geral que lhe parece, muitas vezes, demasiado austera e afastada do seu meio” (ERMISSE, 1979 *apud* BELLOTTO, 2006, p. 235).

Santos e Borges (2014) identificaram as principais atividades culturais e educativas abordadas na literatura arquivística como: apresentação musical, dramatizações, interpretações, peças teatrais, mostra de filmes; aulas no arquivo; concursos; conversas públicas; exposições em meio físico ou virtual; itinerários históricos; jogos educativos; lançamentos de obras; oficinas técnicas e temáticas; organização de eventos; painéis; publicações; seminários e palestras; transmissões via rádio e TV; turismo cultural; visitas guiadas e técnicas.

Identifica-se, assim, uma inter-relação teórica entre o conceito de mediação e difusão no âmbito dos arquivos, visto que ambos buscam estabelecer interferências, conscientes ou não, para o acesso e apropriação da informação arquivística. A seção a seguir apresenta possibilidades para intensificar as mediações e difusões no arquivo.

3 MEDIAÇÃO E DIFUSÃO: POSSIBILIDADES PARA POTENCIALIZAR A VISIBILIDADE DOS ARQUIVOS

A defesa quanto à visibilidade dos arquivos é antiga, no entanto, o arquivista necessita transformar a tarefa de projetar socialmente o arquivo em uma ação rotineira, em especial, nos tempos atuais quando informações, documentos e objetos de memória não são prioridade nacional. O impulso desenfreado pela visibilidade narcisista individual (vide *self*), leva ao esquecimento dos bens simbólicos coletivos e ao conhecimento de mundo realizado de forma superficial. Cita-se aqui o projeto enriquecedor realizado na Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná em Curitiba, denominado *Uma noite na biblioteca*. Para compreender a intenção dessa iniciativa, consultou-se a referida Divisão e obteve-se a seguinte resposta: Ao fazer o “bibliotour” com os estudantes, eles eram convidados a manusear os jornais do acervo e, nesse momento, “[...] falávamos que as crianças poderiam vir com os pais para ver o que aconteceu na data de seus aniversários [...]” (LEONARDI, 2018). Os objetivos dessa mediação compreendiam: “[...] Aguçar a curiosidade da criança pela história; Incentivar o gosto pela leitura; Demonstrar que a Divisão de Documentação Paranaense não é exclusiva de pesquisadores” (LEONARDI, 2018). Assim, o cidadão tem a sua disposição documentos que poderão ser consultados, democratizando o acesso a ele.

Refletindo ainda quanto à difusão educativa a partir da visão de Bellotto (2006), a autora instiga algumas questões que serão discutidas após a figura 1.

Figura 1 – Difusão educativa em arquivos.



Fonte: Elaborado a partir de Bellotto (2006).

Quando realizada uma visita, por exemplo, o ideal é que ela seja guiada e monitorada por um profissional que atue no arquivo, se possível pelo arquivista, pois é ele que conhece a coleção, a disposição dos documentos, a classificação deles etc. Já a aula

realizada na ambiência do arquivo poderia ser ministrada em concomitância com o professor da disciplina e o arquivista, uma vez que é o docente que conhece os estudantes bem como suas reações, interesses e comportamentos e, principalmente, o conteúdo a ser mediado; e o arquivista complementa apresentando relatos e dados históricos, pois tem conhecimento dos documentos aos quais o professor se refere durante a aula.

Nestas ações educativas, Bellotto (2006) ressalta que, mesmo sendo arriscado, os alunos devem manusear os documentos, mas não apenas “tocar”; ler de fato, extrair informações que interessam, com vistas à elaboração de um relatório a ser entregue na escola, por exemplo. Novamente, ressalta-se que não serão todos os documentos de arquivo que poderão ser manuseados pelos estudantes.

O número de documentos a exibir é importante. Não pode ser muito grande, para que a atenção dos jovens não se disperse, mas é interessante que a quantidade seja significativa. O ideal seria expor de 50 a 100, levando-se em conta as séries e subséries, e reservar de 10 a 20 para a manipulação e os comentários específicos. O número de alunos, por sua vez, não deve ultrapassar 20, e sua faixa etária deve ficar entre 14 e 19 anos. A frequência ao arquivo, segundo o exemplo francês, seria de duas a três vezes ao ano. (BELLOTTO, 2006, p. 239).

Há também outras atividades mais abrangentes que podem ser desenvolvidas em parceria com instituições escolares, Bellotto (2006, p. 237) sugere:

[...] campanhas junto aos alunos para a coleta de documentos familiares ou de estabelecimentos comerciais, industriais, esportivos, sindicais ou políticos aos quais seus familiares ou amigos estejam ligados. Da mesma forma, recolhem-se, nessas mesmas famílias, lembranças orais e escritas, material de valia para a história local contemporânea.

Apropria-se novamente o pensamento de Bellotto (2006, p. 245) quando defende: “Que parta dos arquivistas, em especial dos arquivos municipais, uma aproximação com as escolas, a concretizar-se em uma reunião com alguns professores de história ou de estudos sociais do município onde esteja situado o arquivo”. Essa proatividade requerida dos arquivistas, pode desencadear o protagonismo comunitário, em outras palavras, o estudante torna-se *protos*/principal personagem em uma ação que, nesse caso, beneficia a coletividade.

Como dito anteriormente esse movimento de aproximação poderá propiciar aos arquivos “[...] a oportunidade de deixarem de ser instituições herméticas, acessíveis somente a eruditos e pesquisadores” (SANTOS, 2012, p. 24).

Ainda com relação à difusão educativa, vislumbra-se que “[...] o melhor meio de aproximar os alunos dos fatos da história nacional é mostrar-lhes, pelo documento, a

repercussão em sua província, seu distrito, sua cidade” (ERMISSE, 1979 *apud* BELLOTTO, 2006, p. 233). Reitera-se, ainda, que o arquivo pode contribuir não somente para as disciplinas de história, mas para outras áreas, como aquelas que envolvem projetos de infraestrutura e saneamento básico em uma cidade, ou, em outras palavras, em questões comunitárias.

Além disso, “A difusão enquanto mediação pressupõe um papel ativo do profissional da informação, contrastando muitas vezes com a passividade encontrada em equipes que trabalham em unidades de informação” (ROCKEMBACH, 2015, p. 106). Como visto, elas - difusão e mediação - são inúmeras, têm objetivos diversos e características variadas. A partir da discussão realizada e das evidências obtidas pela revisão bibliográfica, construiu-se o quadro 1 com o objetivo de elucidar como coexistem nos arquivos a mediação e a difusão.

Quadro 1 – Possibilidades de mediação e difusão em arquivos.

Mediação	Mediação da Informação	<i>Mediação implícita</i>	Diagnóstico; Produção documental; Avaliação; Tramitação dos documentos; Transferência; Conservação e restauração dos documentos
		<i>Mediação explícita</i>	Atendimento ao usuário (pesquisador, historiador, cidadão etc.) presencial ou à distância; Entrevista de referência;
	Mediação cultural	Exposições; Ações lúdicas e que tornem o processo de visitação ao arquivo agradável; Comentários sobre um grupo documental de interesse popular;	
	Mediação pedagógica/educacional	Aulas dentro do arquivo com o objetivo de conexões entre os documentos e os conteúdos curriculares; Atendimento de estudantes isoladamente ou em grupos;	
Difusão	Cultural	Palestras; Debates; Lançamento de obras; Concursos sobre temas de história e conhecimentos gerais; Patrocínio de congressos e eventos (no campo da Arquivologia e outros também); Ações lúdicas e que tornem o processo de visitação ao arquivo agradável; Comentários sobre um grupo documental de interesse popular; Documento do mês, sobre uma efeméride; Colaboração dos arquivistas com o turismo cultural e produções artísticas, documentários;	
	Editorial	Publicações do conteúdo do acervo, das atividades e dos programas; Catálogos informativos; Manuais; Edições comemorativas; Publicações que referenciam o acervo;	
	Educativa	Visitas; Aulas de história nos arquivos; Atendimento de estudantes isoladamente ou em grupos; Concurso Jovem Historiador; Divulgação de reproduções de documentos e publicações; Exposição de originais no recinto do arquivo; Funcionar como laboratório de pesquisa histórica para universitários e pesquisadores; Estabelecer conexões entre os documentos e os conteúdos curriculares; Ações de conscientização com base nos documentos históricos (projetos que não foram bem planejados/executados, políticas públicas etc.); Campanhas junto aos alunos para a coleta de documentos familiares ou de estabelecimentos comerciais, industriais, esportivos, sindicais ou políticos aos quais seus familiares ou amigos estejam ligados.	

Fonte: Resultados da pesquisa (2019).

Tecer uma relação entre os conceitos apresentados sinteticamente no quadro 1 é uma tarefa complexa. No entanto, reuniu-se tais conceitos e suas possibilidades para elucidar o quão próximos são alguns deles na prática. Aparentemente, num primeiro momento, encontram-se propostas com certa dose de prescrição a ser seguida. No entanto, a intenção não é de caráter prescritivo, mas reflexivo. Ressalta-se que, para serem colocadas em prática, tais ações requerem a reflexão de alguns aspectos, como: a) qualquer mediação ou difusão só será exitosa quando atende aos anseios da comunidade onde o arquivo está instalado; b) necessidade em se estabelecer os objetivos e métodos ao realizar uma mediação ou difusão; c) aproximar o usuário (cidadão, pesquisador, historiador) da ambiência do arquivo; d) cada mediação ou difusão se dará de uma maneira, ainda que planejada anteriormente (mediador, contexto e mediando mudam a todo momento).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão teórica aqui realizada, detectou-se a preocupação, por parte dos autores citados, com a difusão dos diferentes acervos arquivísticos, isto é, documentos de diferente natureza. Sabe-se que esses materiais são imprescindíveis na composição de arquivos particulares, mas a dimensão é maior ao se referir aos arquivos públicos, pois visam à preservação da memória e ao desenvolvimento da cultura de uma nação. As exposições, mesmo que tradicionalmente realizadas, constituem-se uma das principais práticas de difusão (cultural) em arquivos, visto que, quando comentadas na imprensa (escrita ou oral), formaliza-se como uma disseminação do arquivo e logo se caracteriza como função necessária e primordial. Evidencia-se assim, que, tanto a mediação cultural quanto a difusão cultural em arquivos, buscam tornar os documentos arquivísticos conhecidos pelo cidadão a partir de diferentes iniciativas.

Enfatiza-se que existem diferenças conceituais e teóricas entre os conceitos de “difusão”, “disseminação” e “mediação”, conforme discutido. Como síntese, pode-se considerar que a difusão em arquivos se caracteriza mais pelo processo de tornar a instituição arquivo conhecida, bem suas ações, acervos, serviços e missão social, cultural, histórica; a disseminação nos arquivos aproxima-se mais dos instrumentos que otimizam e nortearão os serviços de informação arquivística, frente às demandas de seu

público; e, a mediação em arquivos, lida com a complexidade de fatores, que envolvem: usuários, acervos, mediadores, contexto, dentre outros.

Ao mesmo tempo, foi possível estabelecer conexões entre eles, como, por exemplo, a aproximação entre as concepções de mediação pedagógica/educacional e de difusão educativa. Vale ressaltar que as atividades educativas nos arquivos se constituem como atividades com objetivos mais significativos, em especial, quando comparadas às visitas aleatórias comumente realizadas, mas que nem sempre propiciam a apropriação da informação pelos alunos. A difusão educativa e a mediação pedagógica aproximam-se na medida em que ambas vislumbram a aprendizagem, a apropriação da informação e a construção de conhecimento.

Para finalizar estas considerações finais, passar-se-á, quem sabe visando à realização de futuras pesquisas à apresentação das diferentes indagações suscitadas a partir das valiosas reflexões realizadas, sobretudo, na obra de Bellotto (2006): É fácil prospectar atividades mais populares em arquivos, que vão além das funções administrativas e históricas? O que é preciso mudar no arquivo para promover atividades socioculturais? Estaria a formação do arquivista contribuindo para uma concepção mais dinâmica e social? Será que é necessário diferenciar o público erudito, do científico, do escolar e do popular? Se sim, em quais aspectos?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. C. D. de; MEDEIROS, R. P. Uma perspectiva sobre a difusão nos arquivos universitários de instituições com cursos de arquivologia no Brasil. **Ibersid**: Revista de Sistemas de Información y Documentación, Zaragoza, v. 11, n. 1, p. 93-97, enero/jun. 2017. Disponível em: <https://www.ibernid.eu/ojs/index.php/ibernid/article/view/4345>. Acesso em: 17 set. 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.
- AMARAL, A. L. **Pertencimento**. Dicionário de Direitos Humanos. 2006. <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acesso em: 17 set. 2019.
- BALBINO, G. M. S.; CHAGAS, C. A. O papel pedagógico do arquivista e sua inserção na difusão e mediação da informação. **Ágora**, Florianópolis, v. 28, n. 57, p. 227-238, jul./dez. 2018.
- BELLOTTO, H. L. Difusão editorial, cultural e educativa em arquivos. *In*: BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 225-247.
- COELHO NETTO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- DUFF, W. M. Mediação arquivística. *In*: EASTWOOD, T.; MACNEIL, H. H. (org.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. p. 171-202.

FARIAS, M. G. G.; FARIAS, G. B. de. Mediação na Ciência da Informação: uma análise bibliométrica na coleção Benancib. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 332-349, jul. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/25215/18635>. Acesso em: 22 jan. 2019.

FINAZZI-AGRÒ, E. Mediações e medidas: o entre-lugar da interpretação. **Outra Travessia**, Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 59-66, jan. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13092/12171>. Acesso em: 10 maio 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994/19090>. Acesso em: 05 out. 2019.

GOMES, S. H.; BORTOLIN, S. Ambientes de informação e o pertencimento. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (SECIN), 7., 2017, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/viewFile/439/272>. Acesso em: 18 set. 2019.

JESUS, T. A. D. **Biblioteca e Educação**: um estudo sobre acolhimento em dispositivos culturais para crianças. 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/27151/tde-26122018-113757/pt-br.php>. Acesso em: 15 jul. 2019.

LEONARDI, B. J. Solicitação de informação [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suelibortolin@gmail.com em 17 maio 2018. 1 e-mail.

LOUSADA, M. A mediação da informação e a arquivologia: aproximações teóricas. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 117-134, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pbci/article/view/28204/15247>. Acesso em: 20 jan. 2019.

NOVELLI, V. A. M.; HOFFMANN, W. A. M.; GRACIOSO, L. de S. Mediação da informação em websites de bibliotecas universitárias brasileiras: referencial teórico. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 142-166, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/8357/10591>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PASSOS, J. C. dos; NASCIMENTO, T. T. do; NOGUEIRA, J. C. O patrimônio cultural afro-brasileiro: São José, um estudo de caso, **Estud. Hist.**, Rio Janeiro, v. 29 n. 57, jan./abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862016000100195. Acesso em: 31 jul. 2019.

ROCKEMBACH, M. Difusão em arquivos: uma função arquivística, informacional e comunicacional. **Informação Arquivística**, v. 4, n. 1, p. 98-118, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/95/55>. Acesso em: 18 set. 2019.

SANTOS, R. **A difusão arquivística em arquivos fotográficos municipais**. 2012. 58 f. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivos) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16373>. Acesso em: 17 set. 2019.

SANTOS, K.; BORGES, J. Difusão cultural e educativa nos arquivos públicos dos estados brasileiros. **Ágora**, Florianópolis, v. 24, n. 49, p. 311-342, 2014. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/504>. Acesso em: 17 set. 2019.

SANTOS NETO, J. A. dos. **O estado da arte da mediação da informação**: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos. 2019. 460 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2019. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos_netto_ja_do_mar.pdf. Acesso em: 05 jan. 2019.

SANTOS NETO, J. A. dos; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. A disciplina mediação da informação nos currículos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia no Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, p. 3-23, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/36/pdf>. Acesso em: 05 out. 2019.

SANTOS NETO, J. A. dos; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. A mediação da informação e seu estado da arte: uma análise bibliométrica e teórico-conceitual na literatura nacional e internacional. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 32-43, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pbcib/article/view/39923/20358>. Acesso em: 05 out. 2019.

SANTOS NETO, J. A. dos; BORTOLIN, S. Mediação da informação no campo da Arquivologia. **TransInformação**, Campinas, v. 31, e180067, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862019000100508. Acesso em: 18 set. 2019.

SILVA, J. L. C.; SILVA, A. S. R. A mediação da informação como prática pedagógica no contexto da biblioteca escolar: algumas considerações. **Bibl. Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106561>. Acesso em: 05 nov. 2019.

VOLPATO, G. L. **Ciência**: da filosofia à publicação. 4. ed. Botucatu: Tipomic, 2004.